



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ROBERTA ARAUJO MELO

**NOVAS LINGUAGENS EM HISTÓRIA: ZÉ CARIOCA E A FORMAÇÃO DA
IDENTIDADE NACIONAL**

CAMPINA GRANDE-PB

2015

ROBERTA ARAUJO MELO

**NOVAS LINGUAGENS EM HISTÓRIA: ZÉ CARIOCA E A FORMAÇÃO DA
IDENTIDADE NACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de graduação
em licenciatura plena em História da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
grau de licenciada em História.

Orientador: Profa. Dra. Maria Lindaci
Gomes de Souza

CAMPINA GRANDE-PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M528n Melo, Roberta Araujo
Novas linguagens em história [manuscrito] : Zé Carioca e a
formação da identidade nacional / Roberta Araujo Melo. - 2015.
58 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Profa. Dra. Maria Lindaci Gomes Souza,
Departamento de História".

1. Ensino de História 2. História Contemporânea 3.
Linguagem 4. Identidade Nacional 5. História em Quadrinhos I.
Título. 21. ed. CDD 372.89

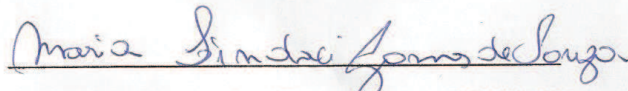
ROBERTA ARAUJO MELO

NOVAS LINGUAGENS EM HISTÓRIA: ZÉ CARIOCA E A FORMAÇÃO DA
IDENTIDADE NACIONAL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de graduação
em licenciatura plena em História da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
grau de licenciada em História.

Aprovada em: 18/06/2015.

BANCA EXAMINADORA

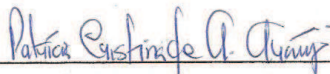


Profa. Dra. Maria Lindaci Gomes Souza – DH/UEPB

(Orientador)



Prof. Anselmo Ronsard Cavalcanti – DH/UEPB



Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo – DH/UEPB

A mainha, por todo o esforço, dedicação
e amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida.

A minha mãe, Lenilda, por todo esforço, carinho amor e dedicação. Por não medir esforços para proporcionar o melhor para nossa família. Por estar sempre ao meu lado, me encorajando e apoiando minhas decisões. Em fim, por fornecer todo o suporte necessário para que eu conseguisse chegar até aqui.

Ao meu irmão Giancarlo, por toda a preocupação que sempre teve com a minha vida escolar e acadêmica, por me motivar e “pegar no meu pé” nos momentos necessários. Por tornar as horas de estudo mais divertidas e prazerosas.

A minha irmã Ivani, que mesmo estando distante sempre me apoiou incondicionalmente, que muitas vezes acredita mais em mim do que eu mesma, por sempre ter cuidado de mim. E a minha sobrinha Maria Eduarda, que mesmo ainda sendo pequena, vibra com minhas vitórias, e tenta entender minhas ausências.

Ao meu irmão Davi, por todo o apoio e dedicação, por não medir esforços para tentar ajudar, mesmo em meio à correria do dia-a-dia. Por apoiar minhas decisões, e sempre achar que posso ir mais longe.

A amiga Eduarda, por todo o carinho e dedicação. Por tornar as horas de descanso mais divertidas e prazerosas, por estar ao meu lado nos melhores e nos piores momentos. Certamente sem ela não teria conseguido concluir esse trabalho a tempo.

A amiga Cidinha, por todo carinho e dedicação. Por me apoiar incessantemente, por ter me motivado em todos os dias da produção e entender minhas ausências. Por estar ao meu lado nos piores e nos melhores momentos.

Aos amigos João e Daniel, pelo companheirismo e dedicação. Por tornarem a jornada acadêmica mais leve e divertida.

Ao amigo Fallmer, por todo o apoio e companheirismo.

Aos colegas de curso, por todos os momentos de aprendizagem e descontração, por terem tornado a caminhada mais leve.

A todos os professores que participaram da minha vida acadêmica e escolar, que possibilitaram essa conquista.

Em especial a minha orientadora professora Dra. Maria Lindaci, por todo o carinho e dedicação, por todos os ensinamentos, por tornar esse trabalho viável.

Ao professor Anselmo, não só pela participação na banca, mas por toda sua participação na minha vida acadêmica, pela grande disponibilidade que sempre teve comigo, sempre tentando ajudar. Por ter me possibilitado participar como monitora da disciplina de Contemporânea II e do curso de extensão em contemporaneidade.

A professora Dra. Patrícia Aragão por disponibilizar um pouco do seu precioso tempo para participar da banca examinadora do meu trabalho, contribuindo com críticas construtivas para o melhoramento do mesmo.

A todos, meu muito obrigada!

RESUMO

A história sempre precisou se adequar as necessidades de seu tempo, com a disciplina escolar não foi diferente, ela precisou se adequar a realidade dos alunos e principalmente adequar seus conteúdos aos saberes produzidos na academia, e é com esse intuito de adequação que surgem as novas linguagens. Também é na busca da adequação que surge a Nova História, que ampliou de maneira significativa o campo historiográfico, a partir dela torna-se possível o uso de diversos documentos como fonte histórica, é nesse contexto que se torna viável a utilização das histórias em quadrinhos como fontes históricas. Nessa perspectiva pretendemos problematizar a formação da identidade nacional, em especial na Era Vargas. E analisar a relação entre a identidade nacional desenvolvida no governo Vargas e a criação do personagem Zé Carioca. No que diz respeito ao nosso caminhar teórico metodológico dialogaremos com os conceitos de identidade, representação e apropriação. Nessa perspectiva nossa pesquisa é de cunho bibliográfico.

Palavras-Chave: Novas Linguagens em História. Identidade Nacional. Zé Carioca.

ABSTRACT

History always had to suit the needs of your time with school discipline was no different, she needed to suit the reality of students and especially tailor their content to knowledge produced in the gym, and it is with this in mind adequacy emerging new languages. It is also in search of fitness that comes the New History, which increased significantly the historiographical field, since it becomes possible to use various documents as a historical source, is in this context that makes possible the use of comics as historical sources. From this perspective we intend to discuss the formation of national identity, especially in Vargas. And analyze the relationship between national identity developed in the Vargas government and the creation of the character Zé Carioca. With regard to our theoretical methodological walk dialogaremos with the concepts of identity, representation and appropriation. From this perspective our research is bibliographical.

Keywords: New Languages in history. National Identity. Zé Carioca.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Viagem a corte.....	41
Figura 2: Yellow Kid.....	42
Figura 3: O Pato Donald e Zé Carioca.....	45
Figura 4: Filme Saludos Amigos.....	48
Figura 5: Como Almoçar de Graça.....	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. CAPITULO 1. Novas Linguagens no Ensino de História: Uma Longa Trajetória.....	14
1.1 Mudanças Curriculares e a Revolução Historiográfica.....	17
1.2 Novas Linguagens no Ensino de História.....	20
1.3 Histórias em Quadrinhos com Fonte Histórica.....	24
2. CAPITULO 2. A Construção da Identidade Nacional.....	27
2.1 Precisamos de Uma Identidade.....	28
2.2 A Representação da Identidade na Literatura.....	32
2.3 O Governo Vargas e a Identidade Nacional.....	35
3. CAPITULO 3. Zé Carioca e a Identidade Nacional.....	40
3.1 Breve Abordagem Sobre as HQ,s.....	40
3.2 Contexto do Nascimento de Zé carioca.....	43
3.3 Características do Personagem.....	45
3.4 As Primeiras Aparições de Zé Carioca.....	47
3.5 Vargas, Zé carioca e a Identidade Nacional.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS BIBLOGRÁFICAS.....	57

INTRODUÇÃO

Como disse Lucien Febvre “a história é filha do seu tempo”, e como tal, ela sempre precisou se adequar as necessidades de cada momento histórico. Com a disciplina escolar (História) não foi diferente, ela percorreu um árduo percurso para tentar se adequar as necessidades de cada época. E é nessa tentativa de adequação que surgem as novas linguagens no ensino História. As novas linguagens têm por finalidade enriquecer as aulas, e reduzir as disparidades existentes entre o saber acadêmico e os conteúdos ministrados na sala de aula. É uma tentativa de aproximar o saber produzido na academia com a realidade do aluno.

Em grande medida esse processo de adequação se deve a Nova História que teve um papel fundamental para a renovação da historiografia, essa renovação também se refletiu no currículo escolar. Com os Annales abriu-se um leque de possibilidades para a história. Em grande medida essa ampliação do campo historiográfico deve-se a reformulação do conceito de fonte histórica. Com a Nova História será considerada fonte histórica qualquer documento que seja vestígio da passagem do homem, anteriormente só eram considerados como fontes os documentos oficiais. Esse fato impossibilitava a produção da história de pessoas comuns, e a história ficava restrita aos “grandes homens”.

Essa revolução historiográfica possibilitou ao historiador uma maior liberdade na escolha de suas fontes. A partir de então tornou-se possível trabalhar com as mais variadas linguagens e usá-las como fonte. É esse contexto que vai possibilitar o uso das histórias em quadrinhos como fontes históricas.

A história sempre esteve profundamente ligada ao poder, por muito tempo sua principal função foi legitimar o poder em exercício. Os “grandes homens” sempre se apropriaram do discurso histórico para se perpetuar no poder. Nesse sentido, também foram forjadas identidades para manter a unidade e a legitimidade do poder em exercício.

A formação da identidade não deve ser visto como um processo natural, as identidades são resultado de intensas lutas de poder, elas são forjadas para atender a determinados interesses.

Nessa perspectiva torna-se necessário problematizar a formação da identidade nacional, percebendo os interesses que deram origem a esse processo de construção. E a relação do personagem Zé Carioca de Walt Disney com a identidade mestiça brasileira, implantada no governo Vargas.

Com esse intuito, nosso trabalho pretende analisar o Personagem Zé Carioca no contexto da construção da identidade nacional na Era Vargas. Também pretendemos perceber as características mestiças do personagem e sua relação com a figura do malandro. Dessa maneira vamos refletir o uso das histórias em quadrinhos como fonte histórica.

No que diz respeito ao nosso caminhar teórico metodológico dialogamos com os conceitos de identidade, representação e apropriação, usando como referência Tomaz Tadeu da Silva, Roger Charter e Sandra Pesavento. Nessa perspectiva nossa pesquisa é de cunho bibliográfico.

Nosso trabalho esta organizado em três capítulos:

No primeiro capítulo; *Novas Linguagens no Ensino de História: Uma Longa Trajetória*, discutimos a trajetória do currículo escolar de História no Brasil, também abordamos a revolução historiográfica ocorrida a partir dos Annales, e a emergência das novas linguagens em história. Nesse contexto analisamos a possibilidade de utilizar as histórias em quadrinhos como fonte histórica.

Já no segundo capítulo; *A Construção da Identidade Nacional*, nos apropriamos do conceito de identidade de Tomaz Tadeu da Silva para tentar compreender a formação da identidade brasileira. Analisamos o processo de formação da identidade nacional, e como essa identidade foi pensada para atender os interesses de cada época. De maneira mais especifica damos ênfase a construção da identidade nacional no governo de Getúlio Vargas.

Por fim, no terceiro capítulo; *Zé Carioca e a Identidade Nacional*, o capítulo é introduzido com uma breve abordagem sobre a trajetória das histórias em quadrinhos, posteriormente é apresentado o contexto de criação de Zé carioca, e as características do personagem. Também analisamos as primeiras aparições do personagem e a sua relação com a identidade nacional e com o então presidente Getúlio Vargas.

1- NOVAS LINGUAGENS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA LONGA TRAJETÓRIA

O ensino de história no Brasil é datado a partir do século XIX, momento em que se constitui o estado nacional, e é nesse momento que é elaborado o projeto para a educação no império. Sua principal função era formar uma memória histórica nacional e patriótica. Os conteúdos ministrados eram baseados na história tradicional, onde os conhecimentos eram apresentados como verdades absolutas e inquestionáveis, era a história dos “grandes homens” dos heróis, que buscava legitimar uma identidade nacional em construção.

Em muitas escolas, ainda hoje, quando se inicia o ensino de história, as primeiras informações que chegam aos alunos tratam da trajetória dos portugueses até alcançar o Brasil, ignorando o que nele existia antes. O objetivo das aulas é, quase sempre o mesmo: apresentar os heróis, as datas ditas fundamentais a conquista da ‘sociedade brasileira’ desde o descobrimento. (NEMI, 2009, p.9)

Durante toda a trajetória da humanidade a história atendeu aos interesses de um determinado grupo. Os livros sempre contam a histórias dos vencedores, dos reis, dos heróis, dos grandes homens. Dessa forma a grande massa sempre foi mantida a margem da história, sempre excluídos. E no Brasil não foi diferente, a história sempre esteve profundamente ligada ao poder, aos interesses das classes dominantes.

Na colônia a história legitimava a dominação e o controle das terras brasileiras pelos portugueses. Nesse período a educação era responsabilidade dos jesuítas, o ensino era dividido em áreas, mas não exatamente como as que usamos hoje, entre essas áreas estavam; humanidades, retórica, filosofia e teologia. Nesse momento a história ainda não é uma disciplina escolar. A religião foi uma marca muito importante na educação do Brasil, mesmo depois da expulsão dos jesuítas do território brasileiro, as escolas religiosas continuavam a ter muita força.

Quanto aos colégios, revelam a sua quase hegemonia no controle da escolarização formal, e neles eram formados os clérigos e leigos sob a forte orientação religiosa. A coroa portuguesa pouco atuava na educação escolar, deixando essa tarefa para a Companhia de Jesus. (FONSECA, 2011, p.38)

Com a independência surge a necessidade de despertar o nacionalismo nas pessoas, e é a história que vai ser encarregada desse papel. É preciso também elaborar uma história nacional. Mas qual história? Qual concepção seria adotada para contar a história do Brasil, e sobre quais pilares essa história seria elaborada.

A teoria adotada foi a das três etnias que de maneira harmônica deram origem ao povo brasileiro. Essa concepção foi a proposta pelo antropólogo Von Martius de como se deveria escrever a história do Brasil;

Von Martius propunha uma história que partisse da mistura de três raças para explicar formação da nacionalidade brasileira, ressaltando o elemento branco e sugerindo um progressivo branqueamento como o caminho mais seguro para a civilização. Uma vez produzida essa história deveria ser conhecida por todos e a melhor maneira de fazê-lo seria pela escola. (FONSECA, 2011, p.46)

Embora a proposta de escrita da história do Brasil tivesse como suporte a mistura das três raças o futuro deveria ser pautado no branqueamento. O clareamento gradativo da população seria a solução para os nossos “problemas” (grande quantidade de negros e mulatos na população), dessa forma, a miscigenação seria o caminho a ser trilhado para obter o branqueamento da nossa população.

Sendo o branco “a cor original” do homem, julga possível fazer as demais raças retornarem a essa fonte comum por meio da mestiçagem: “precisa-se apenas de 150, ou duzentos anos para levar a pele de um Negro por esta via de mistura com o sangue branco” (VENTURA, 1991, p.57)

No século XIX os objetivos do ensino de História ficaram mais claros. Nesse momento a disciplina escolar surge como um instrumento para tornar as pessoas mais nacionalistas. A História nesse contexto serviria para desenvolver/despertar na população uma identificação com a identidade nacional. Mas até esse ponto os conteúdos ainda não tinham sido bem delimitados.

Muitas mudanças foram feitas no currículo para tentar adequar a disciplina aos interesses do poder em exercício. Cada época exigia determinados modelos de educação, e cada modelo de currículo refletia na população o que os líderes políticos gostariam de formar. Os interesses políticos vão influenciar de maneira muito forte as mudanças curriculares da disciplina de História.

O currículo é entendido como um campo de relações e intenções sociais, políticas, econômicas e culturais, é parte construtiva do contexto produzido e produtor de relações, de saberes e práticas escolares. Assim discutir o que ensinar e como ensinar em história é refletir sobre o currículo. É conhecer contextos e lugares de sua (re)construção. (SILVA; FONSECA, 2007, p.49)

Durante o período denominado Era Vargas a grande preocupação era formar a identidade nacional, e o ensino principalmente o de história foi um dos meios usados para atingir esse objetivo. Nesse período o cinema também foi usado como um recurso educativo para fortalecer os discursos presentes nas aulas de história. A formação da identidade nacional estava profundamente ligada aos interesses unidade nacional, era preciso despertar na população o sentimento de patriotismo de identificação com pátria. Dessa forma seria necessário definir um modelo a ser seguido, devido a grande extensão do Brasil e a sua grande diversidade cultural um projeto de unificação não era uma tarefa das mais fáceis.

Era preciso superar as diferenças regionais, que nesse momento era um empecilho para o projeto do governo, só com a superando dessas diferenças que a identidade nacional se tornaria viável. Um fato interessante e controverso é que a identidade nacional proposta por Vargas era pautada na

diversidade, uma nação que se originou a partir de três etnias que de maneira harmônica deram origem ao povo brasileiro (mito da democracia racial).

[...] se a conformação local não era mais motivo de vergonha e infortúnio, significava ainda um argumento fundamental. Era a cultura mestiça que nos anos 30, despontava como representação oficial da nação. (SCHWARCZ, 1998, p.192)

Entretanto as diversidades regionais não eram vistas com bons olhos e deveriam ser combatidas/superadas, era preciso superar as diferenças para conseguir a aceitação da nova identidade nacional, que ironicamente era pautada na diversidade. Assim, para o governo atingir esse objetivo a História como disciplina escolar era de fundamental importância. Seu grande objetivo nesse momento era formar uma identidade nacional.

Assim como na era Vargas e nos períodos citados anteriormente a história sempre foi usada para fortalecer as ideologias dominantes, sempre foi usada para legitimar o poder. O currículo da disciplina sempre foi adaptado para atender as “necessidades” de seu tempo. Dessa forma ocorreram inúmeras mudanças no currículo de história no decorrer da trajetória da disciplina.

A história para se tornar disciplina escolar percorreu um longo percurso. Em cada etapa assumia um papel diferente, mas quase sempre servindo aos interesses do estado. Teve sempre um papel de formadora de opinião, o que mudou com o tempo foi apenas as opiniões que eram formadas.

1.1- Mudanças curriculares e a revolução historiográfica

A partir da década de 1970 o currículo de História começou a passar por transformações nas propostas de ensino. Era preciso mais uma vez se adequar a seu tempo, essas novas propostas visavam a implantação das propostas da Nova História, o ensino da disciplina precisava se adequar a nova maneira de

se fazer história. A idéia era diminuir a distância que existia entre o que era ensinado na academia e as informações que chegavam a salas de aula de história, diminuir as disparidades existentes entre o mundo acadêmico e a prática de ensino. E para que isso fosse possível era necessário uma reformulação no currículo.

Também se pretendia inserir as novas tecnologias da informação (televisão, computador e internet) ao ensino da disciplina. A inclusão das novas tecnologias ao ensino de História tinha por finalidade atrair a atenção dos alunos para os conteúdos e tornar as aulas mais atraentes. Nesse momento começam de maneira intensa as discussões em torno de alternativas para tornar a escola mais compatível com a realidade dos alunos. Além de adequar os conteúdos, e a maneira de tratar o saber histórico, também era necessário adaptar o currículo para os novos meios de comunicação. Cada vez mais era cobrado da disciplina que ela se adequasse a seu tempo. Como disse Lucien Febvre; “A história é filha do seu tempo”, era preciso que ela se adequasse as novas tendências.

Um fato que vai influenciar profundamente a maneira de se pensar o ensino de História vai ser a emergência de uma nova perspectiva historiográfica. Quando surge na França a Escola dos Annales, nasce também uma nova maneira de se fazer História. Os Annales propunham uma História Nova que se opunha ao modo tradicional, era lançado um novo olhar sobre a historiografia, com base nessa nova perspectiva pretendia-se mudar a maneira de fazer história. Os grandes heróis, os políticos, reis e religiosos deixavam de ser os únicos sujeitos históricos e abriam espaços para uma “história vista de baixo”, as massas começam a ganhar espaço na história, e personagens que antes eram excluídos da história começam a ganhar espaço (camponeses, mulheres, operários). A partir dos Annales a história passa a ser vista como uma construção coletiva, e não mais privilegiava determinadas camadas sociais. Novos olhares são lançados sobre a historiografia.

[...] a importância da história vista de baixo é mais profunda do que apenas proporcionar aos historiadores uma oportunidade para mostrar que eles podem ser imaginativos e inovadores. Ela

proporciona também um meio para reintegrar sua história aos grupos sociais que podem ter pensado tê-la perdido, ou que nem tinham conhecimento da sua existência de sua história. (BURKE, 1992, p.59)

Com os Annales o campo historiográfico passa por um alargamento, e acontecimentos que antes eram renegados pelos historiadores passam a compor a história. A história não era mais um privilégio das elites, pela primeira vez as massas são incluídas na história. A partir de então tudo que esta relacionado com a atividade humana passa a ser campo de pesquisa da história e do historiador, se abre um universo de possibilidades para a história.

A relação com as fontes também é repensada, se anteriormente somente documentos oficiais eram considerados fontes, depois dos Annales todo vestígio da presença humana é considerado como fonte. Dessa forma as fontes históricas aumentaram de maneira considerável, o que possibilitou também um grande aumento na produção historiográfica.

A História pode ser feita com todos os documentos que são vestígios da passagem do homem. O historiador não pode se resignar diante de lacunas na informação e deve procurar preenchê-las. Para isto, usará os documentos não só de arquivos, mas também um poema, um quadro, um drama, estatísticas, materiais arqueológicos. (REIS, 2004, p.17)

Novos temas passaram a ser objeto de estudo da história, uma série de temas foram incorporados ao campo historiográfico na chamada História Nova. Essa nova maneira de fazer história refletiu diretamente no ensino da disciplina, no Brasil a partir da década de 1980. A influência da escola dos Annales começou a ganhar força no currículo escolar, era necessário inserir novos temas e novas metodologias para o ensino de História. Surgia uma nova maneira de fazer história, era necessário que também fosse criada uma nova maneira de se ensinar história. O ensino da disciplina precisava acompanhar as discussões acadêmicas.

O ensino tradicional de história, vigente no Brasil desde a organização das primeiras escolas públicas e ainda presente em

muitas regiões, privilegia os indivíduos que lideraram os processos de alteração ou de manutenção da ordem social, deixando de lado os grupos sociais envolvidos nas lutas que deram origem as transformações. (NEMI, 2009, p.28)

1.2- Novas linguagens no ensino de História

A História Nova assim como alargou o campo historiográfico e as fontes históricas, também terá um poder de expansão na sala de aula, a incorporação de novos métodos, novas linguagens para o ensino de História. Deixando ou tentando deixar para trás o uso exclusivo do livro didático como o único detentor do saber, e do quadro negro como único recurso metodológico.

Todas as linguagens, todos os veículos e materiais, frutos de múltiplas experiências culturais contribuem com a produção/difusão dos saberes históricos, responsáveis pela formação do pensamento, tais como os meios de comunicação de massa – rádio, TV, imprensa em geral-, literatura, cinema, tradição oral, monumentos, museus, etc. Os livros didáticos e paradidáticos como fontes de trabalho devem propiciar aos alunos e professores o acesso e a compreensão desse universo de linguagens. (FONSECA, 2003, p. 164)

Em meio a esse discurso de mudanças de paradigmas no ensino de história, de adequação da escola a realidade do aluno, surgem inúmeras críticas. Dentre as quais podemos destacar a crítica à educação tradicional, que faz uso de recursos mínimos em sala de aula e onde o aluno é apenas um elemento parado sem direito de participação, sem ter direito a interagir nas aulas. Nesse tipo de educação não existem diálogos mais sim monólogos. Especialmente no ensino de História que é considerada pela maioria dos alunos como uma disciplina chata, pois não se utiliza os métodos adequados para transmitir a matéria.

A escola é um reflexo da sociedade que desejamos, ou deveria ser, é a escola que possibilita as mudanças necessárias a uma sociedade. Dessa forma as instituições de ensino também devem ser compatíveis com o seu tempo, não podemos viver no século XXI e ter escolas que parecem ter ficado no século XIX. Sedo assim não podemos esperar que alunos que tem contato

com os mais variados meios de comunicação, e acesso a uma gama de ferramentas tecnológicas, tenham um enorme interesse por uma aula ministrada unicamente com o livro didático e com o auxílio do quadro negro, dificilmente conseguiremos despertar o interesse dos alunos sem o uso de bons materiais didáticos.

E é para mudar esse tipo de educação que surgem as novas linguagens no ensino de História, que visam uma melhor aprendizagem dos alunos por meio de um material didático mais atraente. Essas novas fontes seriam bem diversificadas com o uso de imagens, filmes, jornais, programas de TV e histórias em quadrinhos. Esses recursos didáticos podem ser usados para desenvolver os mais variados temas. Mas esse processo requer dos professores uma grande dedicação, e um maior conhecimento acerca da constituição das diferentes linguagens, seus limites e suas possibilidades.

Essas novas linguagens na educação têm um papel muito importante na colaboração para a formação de um aluno/cidadão, pois ajudam a fazer uma ponte entre o conteúdo e o aluno. É extremamente importante para despertar o interesse e a participação dos alunos.

É inegável a necessidade de um meios que ajudem a despertar nos alunos interesse pela disciplina e pela escola de uma forma geral. E as novas linguagens vêm como uma alternativa para deixar as aulas mais dinâmicas e também facilitar a compreensão dos alunos, fazer com que eles participem das aulas e consigam interagir com os conteúdos propostos. Assim, é o dever do professor esta sempre em busca de práticas educativas mais eficientes, que irão colaborar para um maior aproveitamento das aulas.

A compreensão dos conteúdos históricos pode ocorrer de muitas formas que não sejam exclusivamente o livro didático, esse livro deve ser apenas mais um instrumento utilizado pelo professor, e não como o único detentor do saber, é importante lembrar que o livro didático é mais um recurso metodológico e não o único. É interessante percebermos que o aluno tem que se sentir motivado a estudar a história, e um dos meios mais eficientes de se fazer isso é utilizando um bom material didático.

São inúmeras as possibilidades de utilização de material para se trabalhar História com os alunos. Aulas de campo são extremamente interessantes, elas permitem que os alunos se sintam inseridos na história, que tenham “contato” com outras épocas, com outras realidades, possibilitam uma interação entre conteúdo e aluno que dificilmente seria conseguida dentro de uma sala de aula. Análises de programas de TV são uma boa opção, por meio dessa ferramenta os alunos são estimulados a desenvolver o poder de análise, de interpretação e principalmente a capacidade de analisar criticamente os acontecimentos e as informações. Os mesmos resultados também podem ser obtidos com análises dos noticiários de jornal. Em fim, são inúmeras as possibilidades de se trabalhar com novas linguagens em história. Mas iremos nos ater a falar das possibilidades de se trabalhar o ensino de História por meio das histórias em quadrinhos.

A utilização das histórias em quadrinhos nas aulas de História visa principalmente dinamizar as aulas, e também fugir do uso exclusivo do livro didático como fonte de conhecimento histórico. São inúmeras as possibilidades da utilização desse recurso na educação. Esse método é eficaz e simples de fácil aplicação. Por chamar a atenção da maioria dos jovens e crianças fica fácil para o professor despertar o interesse dos alunos por História utilizando como ponte as histórias em quadrinhos. As HQ,s são ferramentas valiosas para o processo de ensino aprendizagem e podem ser utilizadas de várias maneiras e em vários campos do conhecimento.

Quadrinhos com super-heróis permitem que os professores façam abordagens de algumas teorias científicas. Alguns quadrinhos abrem temas como radioatividade – que criam mutações genéticas em personagens como X-Men, Hulk e Homem-Aranha-, poderes pseudocientíficos- como o Super-Homem-, o emprego de tecnologias avançadas- em Tony Stark (Homem de Ferro) e Batman-, estrutura atômica, química e anatomia. Outras formas como política e geografia, também são abordadas com frequência: nesse tipo de quadrinhos há inúmeras citações que envolvem literatura, teatro e arte norte-americanas. (CALAZANS, 2004, p.15)

Mas como todo recurso didático exige planejamento, não é simplesmente entregar um gibi ao aluno e pronto. Devem ser pensadas atividades relacionadas com a utilização desse material e sempre relacionar com os objetivos da disciplina e com cotidiano do aluno. Essa prática se faz necessária porque caso não ocorra um controle os alunos estarão apenas lendo as HQ,s sem nenhuma finalidade específica. Torna-se necessário estabelecer critérios para o uso das histórias em quadrinhos nas aulas de História, para tornar o recurso didático o mais proveitoso possível, e manter sempre uma relação íntima entre os quadrinhos e os conteúdos da disciplina.

Dessa forma as histórias em quadrinhos podem ser excelentes recursos didáticos, e pode contribuir de maneira muito significativa para enriquecer as discussões na sala de aula. Mas, também é importante destacar a importância das HQ,s não só como recurso didático, as histórias em quadrinhos também podem e devem ser exploradas como fontes históricas.

Também é importante colocar que as discussões em torno das novas linguagens não são discussões tão recentes, desde a década de 80 que existe uma preocupação com a utilização de novos recursos didáticos, esse é um tema recorrente. A preocupação com as novas linguagens não é tão nova assim. Mais de trinta anos se passaram e as discussões continuam atuais, e a preocupação com as novas linguagens no ensino continuam sendo um tema bastante atual.

É preciso refletir sobre como esses recursos estão sendo usados e com qual finalidade. É muito comum ouvir sobre a importância das novas tecnologias para o ensino de História e sobre como esse meios podem contribuir para o aprendizado e para a renovação da disciplina. Precisamos tomar cuidado para não fazer uso dessas novas linguagens como mera ilustração e sem qualquer significado. É preciso compreender que o uso dessas novas linguagens por si só não tem o poder de promover uma renovação no ensino da disciplina.

Não adianta fazer uso dos mais recentes meios tecnológicos na sala de aula e continuam ministrando uma história elitista, dos grandes homens, dos heróis. Uma História que em pleno século XXI exclui as camadas populares.

Quando se fala em renovação no ensino de História costuma-se imediatamente associar essa renovação às novas tecnologias. Mas é importante lembrar que a renovação em questão diz respeito à maneira de fazer história, às novas concepções historiográficas que surgiram com os Annales.

Há algumas décadas, houve um equívoco expressivo na modernização do ensino. Julgou-se que era necessário introduzir máquinas para ter uma aula dinâmica. Multiplicaram-se os retroprojetores, os projetores de slides e, posteriormente, os filmes em sala de aula. [...] Que seja dito e repetido à exaustão: uma aula pode ser extremamente conservadora e ultrapassada contando com todos os mais modernos meios audiovisuais. Uma aula pode ser muito dinâmica e inovadora utilizando giz, professor e aluno. Em outras palavras, podemos utilizar meios novos, mas é a própria concepção de História que deve ser repensada. (KARNAL, 2009, p.9)

Dessa forma devemos entender que as novas linguagens por si só não têm o poder de mudar ou revolucionar o ensino. O único capaz de realizar essa tarefa é o professor, cabe a ele eleger a melhor maneira para alcançar seus objetivos, de melhorar sua prática. O professor tem o poder da escolha, de tentar escolher sempre o melhor para sua turma para seus alunos. E como “com grandes poderes vêm grandes responsabilidades”, também pesa sobre ele a responsabilidade pelos resultados de suas escolhas.

1.3- Histórias em quadrinhos como fonte histórica

Assim como depende do professor a escolha da sua prática docente, depende do historiador a escolha das suas fontes. Existe hoje um mar de

possibilidades de fontes históricas, segundo REIS (2005, p.17) a história pode ser feita com todos os documentos que são vestígios da passagem do homem. Dessa forma cabe ao historiador escolher as fontes que melhor se encaixem em sua pesquisa.

As histórias em quadrinhos como fonte histórica ainda é um recurso pouco usado pelos historiadores, mas que tem um grande potencial. As HQ,s são produto de uma época, e por isso as historinhas são relatos dos modos de vida, de cultura, de pensamento e de idéias de seu tempo. Dessa forma é possível fazer inúmeras análises usando como suporte os quadrinhos.

Uma das grandes questões dos quadrinhos está na mensagem que eles passam. As HQ,s, desde o seu nascimento, são formas de comunicação e, portanto, uma forma de enviar mensagem. Por meio das imagens desenhadas, das palavras e dos diálogos, da representação pictórica, os quadrinhos manifestam valores, concepções, etc. Nesse processo, o papel proeminente dos quadrinhos é repassar as idéias e valores dominantes. (VIANA, 2005, p.2)

Dessa forma o historiador pode fazer uso das histórias em quadrinhos não só como recurso didático, elas podem ser usadas como instrumento principal, como fonte histórica. É importante perceber que as HQ,s podem e devem ser usadas como fonte histórica, com os quadrinhos é possível analisar acontecimentos históricos e ter um novo olhar sobre os acontecimentos, é possível ampliar o olhar com base nessa “nova” fonte.

Nenhuma produção humana é totalmente “inocente”, toda produção traz consigo uma mensagem, uma carga de subjetividade, e atende a determinados interesses. Não podemos imaginar que com os quadrinhos seja diferente, as tirinhas atendem as necessidades de seu tempo. Como é o caso do Capitão América criado durante a Segunda Guerra Mundial para fortalecer o patriotismo e combater o nazismo. No caso específico desse super herói norte americano as intenções da publicação são bem claras; em um período de conflito fortalecer o patriotismo. Mas em outros casos as intenções das historinhas não

são tão claras e torna-se necessário uma análise mais profunda para perceber em que contexto a produção está inserida e quais seriam suas pretensões.

Os quadrinhos possibilitam um grande campo de investigação para a história, devido à grande quantidade de publicações com grande variedade de temas e de períodos. Em grande parte devido a sua longevidade,

2- A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL

Para começar a falar em identidade e principalmente em identidade nacional é importante ter em vista que identidade não é uma coisa fixa, cristalizada, natural e imutável, a formação da identidade ou das identidades se dá por meio de processos de construção históricos, e por relações de poder.

[...] A identidade não é uma essência; não é um dado um fato- seja da natureza seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tão pouco é homogenia, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (SILVA, 2000, p. 96)

Dessa forma podemos entender identidade como um processo de construção permanente.

Também temos que levar em consideração que identidade não é um conceito isolado, ele depende de outro conceito para se manter. Só existe identidade na diferença; dessa forma para absorvermos uma determinada identidade precisamos de um contraponto, para nos entendermos como “normais” precisamos do outro, do diferente, do “anormal”. Dessa forma quando estamos falando em identidade sempre estamos lidando com classificações binárias (eu/o outro, preto/branco, igual/diferente), ou sou o que o outro não é, e o outro é o que eu não sou. Segundo SILVA (2000, p.75); “Assim como a igualdade depende da diferença, a diferença depende da igualdade. Igualdade e diferença são, pois inseparáveis”.

A identidade e a diferença não são simplesmente definidas, elas são impostas socialmente e atendem a interesses de diferentes grupos sociais. A identidade e conseqüentemente a diferença não podem ser vistos de maneira

inocente e despretensiosa, elas são resultado de uma intensa relação de poder.

É em meio a intensas relações de poder que as identidades são forjadas, são concebidas, e em alguns momentos são questionadas. Identidade e diferença são fruto de um jogo de interesses. Nessa perspectiva não se pode atribuir um caráter natural a identidade, por mais “cristalizada” que ela seja.

Dessa forma não podemos imaginar que no Brasil a formação da identidade nacional foi um processo espontâneo que ocorreu naturalmente. A formação da identidade nacional, assim como qualquer processo de construção de identidade, ocorreu gradativamente e atendendo aos interesses do poder em exercício. Também não podemos imaginar que esse processo aconteceu do dia para a noite, foi um processo demorado e que encontrou grandes obstáculos, talvez um dos maiores tenha sido a grande extensão territorial. A imensidão do nosso território possibilitou o desenvolvimento de características regionais, e em alguns momentos essa regionalização de certa forma “atrapalhou” a assimilação de uma identidade nacional homogênea.

2.1- Precisamos de uma identidade

No período em que o Brasil era colônia de Portugal ainda não existia uma preocupação com uma identidade própria dos brasileiros. Nesse momento estávamos sujeitos a identidade da metrópole, e dela absorvemos os pilares do que posteriormente seria a nossa própria identidade.

Dessa maneira a preocupação com a formação de uma identidade nacional surge no Brasil em 1822 com a independência. Com o Brasil independente de Portugal era preciso formar nossa própria identidade que não mais estaria atrelada a do colonizador, alias, não diretamente. Era preciso formar uma identidade própria, uma identidade brasileira. Existia efetivamente uma preocupação em relação à formação da identidade nacional, mas nada de realmente efetivo foi feito nos primeiros anos depois da independência.

No primeiro reinado não houve grandes avanços para alcançar o propósito da consolidação da identidade nacional. Podemos dizer que nesse período a maior colaboração nesse sentido foi a tentativa de manter a unidade nacional. Existia uma grande preocupação em conter as revoltas que ameaçavam a unidade do território nacional.

No período regencial houve uma grande contribuição para a questão da nossa identidade. Em 1838 foi criado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a instituição seria responsável pela “construção” da história do Brasil. Era necessário escrever a nossa história, de certa maneira como uma forma concretizar a nossa independência de Portugal, precisávamos de uma história própria. É com essa missão que o IHGB é concebido.

O IHGB deveria reunir a documentação necessária para possibilitar a escrita da nossa história. Com essa finalidade foi criada a Revista do IHGB, as publicações eram sempre voltadas para escrita da história nacional.

Em 1840 o instituto promoveu um concurso para saber qual seria a melhor maneira de escrever a história do Brasil. O projeto vencedor foi a monografia de Carl Friedrich Philipp Von Martius que tinha como título; “Como se deve escrever a história do Brasil”. Nesse trabalho ele defendia a escrita de uma história do Brasil pautada em três raças com a exaltação ao elemento branco, como afirma FONSECA (2011, p. 46); “Von Martius propunha uma história que partisse da mistura de três raças para explicar formação da nacionalidade brasileira, ressaltando o elemento branco”.

Nesse período já se pensava em uma história nacional pautada na mistura de raças. Dessa forma, os historiadores que fossem escrever a história do Brasil, deveriam levar em consideração a ação conjunta das três raças para a formação da nossa identidade. Em “Como se deve escrever a história do Brasil Martius;

[...] destacou a mescla ou mistura das raças, de modo a definir a tarefa dos futuros historiadores. Para ele, a história brasileira se desenvolve segundo uma “lei particular das forças diagonais”. Os historiadores devem abordar, portanto, a ação conjunta das três

raças, junto com as particularidades locais da natureza, cujas “pinturas encantadoras” imprimirão a sua obra um atrativo particular, que ganharia em interesse para o leitor europeu. Quanto ao leitor brasileiro, deve-se despertar sua consciência cívica e nacional [...] Martius estabelece as linhas de um projeto historiográfico, capaz de garantir uma identidade específica a nação em processo de construção, ao gerar o mito da democracia racial. Cabe ao historiador revelar a missão reservada ao país: realizar a mescla de raças, sob a tutela do estado. Ao mesmo tempo, atribuiu ao elemento branco um papel civilizador, que assegurava o predomínio político e cultural da coroa e dos grupos letrados. (VENTURA, 1991, p.42)

Como podemos observar na citação acima a história proposta por Martius já fazia menção uma suposta democracia racial. No entanto é importante destacar que em meio a essa “democracia racial” o elemento branco deveria ser exaltado, caberia ao branco o papel de “civilizador” da nação.

Outro nome de grande importância para a formação da historiografia brasileira é Francisco Adolfo de Varnhagen, ele contribuiu de maneira significativa para a construção da história do Brasil. Considerado o “Heródoto do Brasil”, foi ele quem iniciou as pesquisas de documentos sobre a história brasileira em outros países, a documentação reunida em suas viagens foi de fundamental importância para a historiografia brasileira e para a formação da nossa identidade nacional.

Varnhagen compactuava com muitas das concepções elaboradas por Von Martius, de certa maneira ela daria sequência ao projeto vencedor do concurso do IHGB em 1940 (Como se deve escrever a história do Brasil). Varnhagen também era adepto de uma história que partisse de três raças geradoras, onde o branco teria um papel de destaque. Uma característica muito marcante em sua obra é o “elogio a colonização”, ele ressaltava de a importância dos portugueses principalmente da coroa e da elite branca para a formação da nossa identidade. O autor da *História Geral do Brasil* apresenta em sua obra a visão do outro, do estrangeiro, do colonizador, do conquistador. Ele representa a visão da elite portuguesa, a visão do conquistador/colonizador sobre o conquistado/colonizado, uma visão estereotipada e eurocêntrica.

No Segundo Reinado a preocupação com a identidade nacional era maior. O jovem imperador precisava se afirmar no poder, e uma das maneiras encontradas para atingir seu objetivo seria a formação de uma identidade nacional pautada na monarquia. Para consolidar essa identidade o IHGB seria de fundamental importância. Nesse período o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro era o único responsável oficial pelas pesquisas e sobre a escrita da história do Brasil. Sendo assim, era fundamental para o Imperador manter uma boa relação com o instituto, durante muito tempo o Imperador foi patrono do IHGB e grande parte do seu orçamento era coberto pelo governo imperial, além da ajuda financeira, o Imperador também tornou-se membro assíduo, participando de inúmeras seções. A relação entre Pedro II e o IHGB era muito próxima.

O jovem imperador, aliás, precisava muito da história e dos historiadores. Em 1838/39, pouco antes de ocupar antecipadamente o trono, foi criado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que foi de uma importância capital para a construção da história brasileira. Até 1931/33, o IHGB exercerá uma grande influência e será o único centro de estudos históricos do Brasil. O imperador precisava dos historiadores para se legitimar no poder (Guimarães, 1988). A nação recém-independente precisava de um passado do qual pudesse se orgulhar e que lhes permitisse avançar com confiança para o futuro. (REIS, 2007, p. 25)

O IHGB colaborou de maneira significativa para a formação da historiografia brasileira, foi desse instituto as primeiras iniciativas concretas para a formação da identidade nacional. No entanto, é importante destacar que a colaboração do IHGB estava voltada para a construção de uma identidade elitista, que beneficiaria unicamente a elite dominante.

Na Primeira República também existiram esforços para a consolidação de uma identidade nacional. Uma identidade diferente da que havia sido idealizada no império. Agora era preciso fortalecer o novo modelo de governo, era preciso fortalecer a república para obter uma maior identificação popular. Para atingir esse objetivo alguns símbolos foram criados, um dos principais deles foi o herói da república. Tiradentes foi “criado” para fortalecer a república, mostrando a luta de um homem que deu a vida por um ideal, por um sonho; a república. Era preciso fortalecer a unidade nacional e combater as diversidades

regionais favorecidas pela a grande extensão territorial do Brasil. Essas identidades regionais eram vistas como uma ameaça a identidade nacional em formação.

2.2- A representação da identidade na literatura

A relação de representação- entendida, deste modo, como relacionamento de uma imagem presente de um objeto ausente, valendo aquela por este, por lhe estar conforme- modela toda a teoria do signo que comanda o pensamento clássico [...] (CHARTIER, 2002, p.21)

Em vários momentos da história da construção da identidade nacional, podemos observar a tentativa de criar uma identidade pautada em três raças, onde o elemento branco sempre tem um papel de destaque. Também é possível observar que, em alguns momentos o branqueamento por meio da miscigenação é apontado como a solução para o nosso “problema” racial. Podemos usar a literatura para exemplificar essa tendência.

O livro *Contos para crianças* de Chrysantheme publicado no Brasil em 1912, trazia uma série de histórias voltadas para o público infantil. Essas histórias muitas vezes tinham com tema central; como uma pessoa negra poderia ficar branca.

Uma das histórias da obra é a da princesinha Rosa Negra, que em muitos aspectos se assemelha com as histórias da Bela Adormecida, da Branca de Neve e da Bela e a Fera. Na narrativa um casal de monarcas tinha o grande desejo de ter um herdeiro, mas mesmo depois de muitos anos de casamento o desejo não tinha se concretizado, a fada madrinha vendo aquele casal bondoso tão angustiado decidiu atender a um desejo das majestades. A rainha muito feliz com proposta da fada madrinha, exclama; “Oh como eu gostaria de ter uma folha, mesmo que ela fosse escura como a noite que reina lá fora”.

O pedido da rainha foi atendido de maneira literal, e ela deu a luz a uma menina “preta como o carvão”, a cor do bebê causou tal espanto no reino que a fada madrinha decidiu conceder mais um presente ao casal; se a princesinha não saísse do palácio até completar dezesseis anos, sua cor seria transformada “a cor preta na mimosa cor de leite”. Mas a menina descumpre as instruções da fada madrinha é obrigada a casar com um “monstro”, e se desespera na noite de núpcias, não pela aparência o marido, mas por não poder receber a “dádiva” de se tornar branca. Misteriosamente na mesma noite o casal passa por uma transformação “milagrosa”, a princesa fica branca e o seu esposo de aparência “asquerosa” se transforma no belo príncipe Diamante. Final da história casal belo, branco e feliz.

Em *Macunaíma* escrito por Mario de Andrade em 1938, são retratadas as aventuras do “herói da nossa gente”, um herói diferente, preguiçoso e sem caráter. Em uma dentre as muitas aventuras de Macunaíma, é retratado o episódio em que herói fica branco;

Uma feita o Sol cobria os três manos de uma escaminha de suor e Macunaíma se lembrou de tomar banho. Porém no rio era impossível por causa das piranhas verazes que quanto na luta para pegar um naco da irmã espedaçada pulavam aos cachos para fora d'água metro e mais. Então Macunaíma enxergou numa lapa bem no meio do rio uma cova cheia d'água. E a cova era que nem a marca dum pé de gigante. Abicaram. O herói depois de muitos gritos por causa do frio da água entrou na cova e se lavou inteirinho. Mas a água era encantada porque aquele buraco na lapa era marca do pezão de Sumé, do tempo que andava pregando o evangelho de Jesus para indiada brasileira. Quando o herói saiu do banho estava branco loiro de lhos azuizinhos, água lavara o pretume dele [...] Nem bem Jiguê percebeu o milagre, se atirou na marca do pezão de Sumé. Porém a água já estava muito suja do pretume do herói e por mais que Jiguê esfregasse feito maluco atirando água para todos os lados só conseguiria ficar da cor do bronze ovo [...] Maanape então é que foi se lavar, mas Jiguê esborrifara toda água encantada para fora da cova. Tinha só um bocado lá no fundo e Maanape conseguiu molhar só as palmas dos pés e das mãos. Por isso ficou negro bem filho dos Tapanhumas. Só que as palmas das mãos de dos pés dele são vermelhas por terem se limpado na água encantada. (SCHWARCZ, 1998, p.189-190)

Como podemos observar na citação acima, Macunaíma conseguiu ficar branco depois de tomar banho em uma poça milagrosa, seus irmãos não tiveram a mesma “sorte” um ficou “cor de bronze novo” e o outro continuou preto, mas com as palmas das mãos e dos pés avermelhadas. Na história de Macunaíma podemos observar uma analogia como a origem do povo brasileiro, com as três raças; o branco (Macunaíma), o índio (Jiguê) e o negro (Maanape)

Nas duas histórias (Negra Rosa e Macunaíma) podemos ver de maneira muito clara o desejo dos personagens de se tornarem brancos, mais que uma simples cor, o branco é visto como um privilégio, uma dádiva, um milagre. A punição da princesinha por desobedecer a recomendação da fada madrinha seria continuar negra. Assim como Maanape (irmão de Macunaíma) que chegou por ultimo também continuou negro, o branqueamento seria um privilegio dos primeiros a chegar

Podemos fazer uma analogia entre as duas histórias e as teorias de branqueamento que estiveram presentes no Brasil por muito tempo. Assim como nas histórias existe a exaltação do branco, no Brasil também por um longo período, o branqueamento da população foi visto como a solução para os “problemas” nacionais. Era a idéia do “quanto mais branco melhor”, como coloca SCHWARCZ; “Quanto mais branco melhor, quanto mais claro superior, eis ai uma máxima difundida, que vê no branco não só uma cor mais também uma qualidade social” (1998, p.189). Dessa maneira podemos observar que durante muito tempo o branqueamento esteve profundamente ligado com a questão da identidade nacional.

A formação e a consolidação de uma identidade foi uma preocupação desde a independência, essa preocupação esteve presente no império, na regência e também nos primeiros anos da republica. Mas, é a partir de 1930 que os esforços por parte do governo vão se intensificar para a formação da identidade nacional brasileira.

2.3- O governo Vargas e a identidade nacional

É durante a Era Vargas que serão feitos os maiores esforços por parte do estado na tentativa (re)criar uma identidade nacional. Nesse período permanecia a preocupação com a unificação nacional e o combate as especificidades regionais. Nesse intuito foram adotadas varias medidas; criação do ministério do trabalho, padronização dos currículos escolares, criação de símbolos nacionais e a utilização do radio para a propagação da cultura nacional.

A partir dos anos 1930 um novo elemento será inserido como protagonista na identidade nacional. O mestiço, que a partir desse momento passa a ser um dos principais símbolos nacionais e representante da cultura brasileira.

Era a cultura mestiça que, nos anos 30, despontava representação oficial da nação. Afinal como qualquer movimento nacionalista, também o Brasil a criação de símbolos nacionais nasce ambivalente: um domínio em que interesses privados assumem sentido político. O próprio discurso da identidade é fruto dessa ambigüidade que envolve concepções privadas e cenas publicas, na qual noções como povo e passado constituem elementos essenciais para a elaboração de uma nacionalidade imaginada. (SCHWARCZ, 1998, p.193)

Nesse período uma serie de intelectuais ligados ao poder político começaram a pensar em como poderia se formar “uma autentica identidade brasileira”. Era preciso criar uma identidade que servisse aos interesses do estado e que tivesse “aceitação” popular, era preciso criar uma identidade capaz de ser absorvida pela população. A identidade escolhida foi a do mestiço, a partir do Estado Novo o mestiço vai ser reconhecido como a verdadeira essência da nacionalidade brasileira. Uma nação pautada na diversidade racial, uma nação de mestiços.

Se o ultimo monarca gabava-se de usar uma murça real feita de papos de tucano—como homenagem “aos caciques indígenas da terra”--, ou se Floriano Peixoto, em estatua de gosto duvidoso , consagrava a união das raças, é só no Estado Novo que projetos

oficiais são implantados no sentido de reconhecer na mestiçagem a verdadeira nacionalidade. (SCHWARCZ, 1998, p.193)

Uma obra e de grande importância nesse período será Casa-grande Senzala de Gilberto Freyre, o autor vai retomar com muita força a questão das três raças geradora da nacionalidade brasileira. O mito da democracia racial ressurgiu mais forte do que nunca na obra de Freyre, ele apresenta em sua obra um convívio harmônico entre escravos e senhores, em uma espécie de “boa escravidão” se comparada com a escravidão norte-americana. Casa-grande Senzala de certa maneira vai “fundar” o mito da democracia racial no Brasil. A imagem de um povo que se originou a partir de três raças de maneira harmônica vai ganhar grande repercussão no Brasil e fora dele. Segundo o próprio autor ela havia composto uma história da sexualidade brasileira, cujo o resultado foi o surgimento de uma cultura homogênea, mesmo sendo resultado da mistura de raças tão diferentes. O mito se fortalecia.

Mas, independente do mito da democracia racial, o fato é que a partir de 1930 o mestiço passa a ser no discurso oficial o maior símbolo da identidade brasileira; uma identidade mestiça. E uma série de outros símbolos serão introduzidos na nossa cultura para fortalecer a imagem do Brasil como um país mestiço ou um país de mestiços.

Entre os símbolos que foram introduzidos oficialmente nesse período está a capoeira que em 1937 é oficializada como modalidade esportiva nacional, antes de ser oficialmente uma modalidade esportiva a capoeira era muito discriminada vista como coisa de marginal, de bandido, chegando a ser considerada crime no Código Penal de 1890.

Alem da capoeira o samba também passou a fazer parte da cultura oficial, saiu da marginalidade, da discriminação, de “música de preto” para se tornar uma representação tipicamente brasileira, era a “canção brasileira para exportação”.

Muitos foram os elementos ligados a cultura negra que foram absorvidos pela nova concepção de identidade nacional. A feijoada também se tornou uma representante da cultura brasileira, ela representava perfeitamente a nossa

nova identidade; o preto ou o marrom do feijão, o branco do arroz e o verde da couve representavam a diversidade da nossa cor e a beleza das nossas matas, assim a feijoada se torna um prato tipicamente brasileiro. Como forma de exaltação a identidade mestiça que se pretendia afirmar é criado o Dia da Raça em 30 de maio de 1937, uma data onde deveria ser comemorada a tolerância da nossa sociedade.

Também é nesse período que Nossa Senhora da Conceição Aparecida é escolhida como padroeira do Brasil. Uma escolha que se encaixou perfeitamente no ideal de identidade que se pretendia afirmar, uma santa mestiça assim como o povo brasileiro. Uma imagem que era branca e devido ao tempo que passou imersa nas águas do Paraíba do Sul ficou negra. Fazendo uma relação com Macunaíma podemos dizer que Nossa Senhora Aparecida e o nosso herói passaram pela mesma transformação, só que com resultados diferentes. A padroeira do representava perfeitamente a identidade brasileira, uma identidade pautada na mestiçagem.

A mulata também surge nesse cenário como uma representante da brasilidade, ela se torna a representante da mulher brasileira; exótica e sensual. É com essas características que a mulher brasileira será apresentada para o exterior; um símbolo de beleza, sensualidade e exotismo.

Em meio a todo esse ambiente de valorização da identidade mestiça, principalmente vinculado as rodas de samba, surge outra figura que será representante da nossa cultura por muito tempo; o malandro brasileiro, caracterizado principalmente pela simpatia, alegria contagiante, aversão ao trabalho e também de um caráter duvidoso, sempre disposto a encontrar “um jeitinho brasileiro” para resolver seus problemas.

A figura do malandro ganha uma grande dimensão tanto no cenário nacional como no internacional, ele se torna uma característica do povo brasileiro. A influência desse personagem foi tão grande que serviu de inspiração para a composição de varias musicas, onde a figura do malandro era exaltada.

A dimensão que esse personagem tomou foi tão grande que o governo Vargas começou a se opor a propagação dessa imagem em 1938. Em 1939 uma portaria oficial proibia a exaltação do malandro e da malandragem. Em 1940 devido aos sambas que ainda faziam apologia a malandragem o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) “aconselhou” os compositores a não fazer apologia a imagem do malandro, a instrução do DIP era que a figura a ser exaltada era a do trabalhador, não mais a do malandro.

Nesse momento podemos identificar de maneira clara a intenção do Estado de (re)formar a identidade nacional. A nova identidade precisava ser afirmada, nesse sentido inúmeras medidas foram tomadas, uma serie de símbolos foram adotados.

De toda forma, nesse movimento de nacionalização uma serie de símbolos vão virando mestiços, assim como uma alentada convivência cultural miscigenada se torna modelo de igualdade racial. Modelo pautado em uma visão oficial, nesse caso, a desigualdade e a violência do dia-a-dia até parecem questões a serem menosprezadas. (SCHWARCZ, 1998, p.201)

Todas as medidas adotadas pelo governo Vargas no sentido de fortalecer a identidade mestiça do Brasil, somadas a obra de Freyre (Casa-grande e Senzala), acabou por formar o mito da democracia racial no Brasil. Acreditava-se que no Brasil as diferenças raciais eram tratadas de maneira harmônica, que aqui não existia racismo, e mesmo que existisse seria um racismo diferente, um racismo mais brando, um racismo “melhor” se comparado ao encontrado em outros países. Essa era a imagem propagada do Brasil; um país harmônico, o país da democracia racial.

Em todos os momentos da história nacional, onde se tentou forjar uma identidade nacional, melhor dizendo, uma representação da identidade nacional. É sempre possível percebe uma intensa relação de poder em torno da construção dessas representações da identidade.

A força da representação se dá pela capacidade de mobilização e de produzir reconhecimento e legitimidade social. As representações se inserem em regimes de verossimilhança e de credibilidade, e não de veracidade. (PESAVENTO, 2003, p.21)

3- ZÉ CARIOCA E A IDENTIDADE NACIONAL

3.1- Breve abordagem sobre as HQ,s

Antes de começar a falar do personagem que dá nome a esse capítulo, achou-se por bem, primeiro compreender a gênese da história em quadrinhos, e seu processo de evolução.

A história em quadrinhos seqüenciais como meio de comunicação surge no século XIX. Porém não existe unanimidade quanto ao surgimento da primeira história em quadrinhos, esse título de é disputado por algumas publicações. Dentre as quais vamos citar duas; Nhô Quim e Yellow Kid.

Nhô Quim criado em 1869 pelo italiano radicado brasileiro Angelo Agostini, era o personagem principal da história “Impressões de uma viagem a corte” publicado no jornal Vida Fluminense. A história relatava as aventuras de um jovem mineiro que vai a corte, onde são feitas críticas ao império, as condições precárias de saúde, a desigualdade social e a escravidão.

O questão que está por trás das divergências em torno da primeira história em quadrinhos está relacionada ao elemento que se tornou característica desse meio de comunicação. O balão, é o uso dessa ferramenta vai caracterizar as HQ,s como as conhecemos hoje.

A questão do balão também é o grande impedimento para que as divergências em torno da obra pioneira sejam resolvidas. Esse é o problema enfrentado pela criação de Agostini, embora ele já fizesse uso de quadrinhos em seqüência com a junção de imagens e linguagem escrita para contar a história de Nhô Quim, ainda não existe a presença da linguagem escrita dentro do quadro, a escrita aparece como uma espécie de legenda das imagens. O balão característico das HQ,s também não é usado. Esse é o grande problema em torno da oficialização de Angelo Agostini como pai dos quadrinhos no Brasil e no mundo.

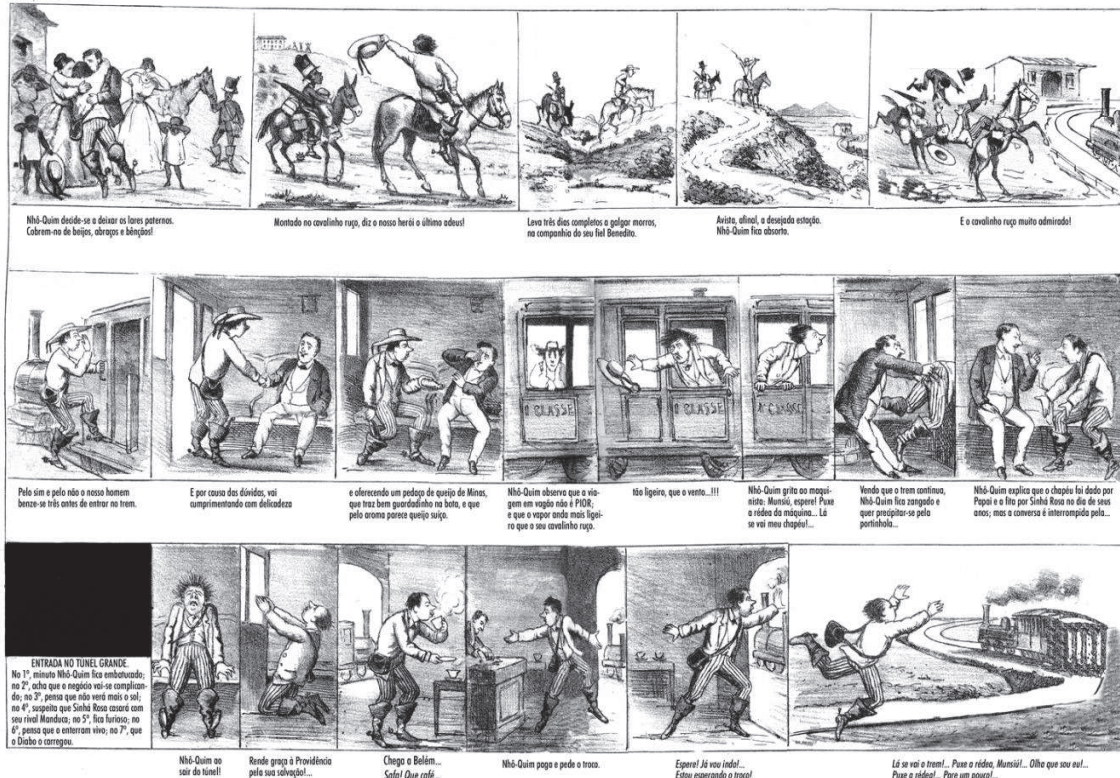
As Aventuras de "Nhô-Quim", ou impressões de uma viagem à corte

Ângelo Agostini (30 de janeiro de 1869 - Jornal Vida Fluminense)

História em muitos capítulos
(De Minas ao Rio de Janeiro)

Nhô-Quim, jovem de 20 anos, filho único de gente rica porém honrada, enamorara-se de Sinhá Rosa, moça virtuosa, mas que... de louça nem um pires. O velho Quim, tendo só em vista a felicidade do pequeno, entende que mulher sem dinheiro é asneira; e por isso em lugar de mandar o filho plantar batatas (o que seria muito proveitoso na roça), resolve dar-lhe um passeio à Corte para distraí-lo.

Capítulo I



www.quadrinho.com

PS: O texto original é manuscrito. Estes foram digitados pela melhor leitura.

FIGURA 1: Impressões de uma viagem à corte de Angelo Agostini, publicada em 30 de janeiro de 1869. Disponível em: <http://tokdehistoria.com.br/tag/as-aventuras-nho-quim-ou-as-impressoes-de-uma-viagem-a-corte/>

Yellow Kid (Garoto Amarelo) criado em 1896 por Richard Felton Outcault, aparecia nas edições dominicais do New York Sunday World nos Estados Unidos. O personagem era um menino pobre do subúrbio de Nova York, morador de um cortiço, uma criança careca, de orelhas grandes e que sempre usa a mesma roupa; uma camisola amarela, que é a marca registrada do Yellow Kid. O personagem trazia mensagens escritas em sua roupa, em geral critica política. E é esse elemento que vai fazer com que o Yellow Kid seja considerado pela maioria dos estudiosos dos quadrinhos a primeira HQ. Outcault é o primeiro a colocar o texto e a imagem em um mesmo quadro; as falas do menino apareciam na roupa, não em uma legenda. Dessa forma alguns consideram o camisolão do Yellow Kid como uma das primeiras

aparições do “balão”, além das mensagens escritas na roupa do personagem já é possível observar o início do uso do balão na historinha.

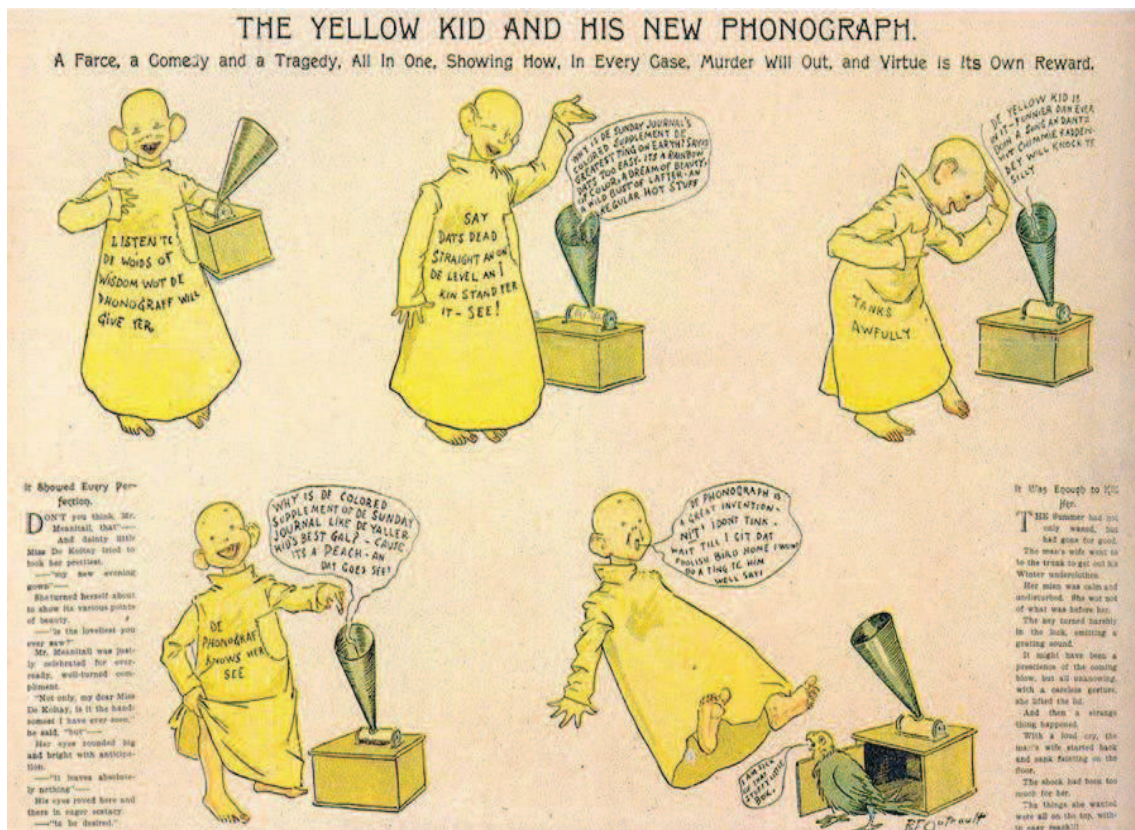


FIGURA 2: Yellow Kid de Richard Outcault, publicado em 25 de outubro de 1869. Disponível em: <http://chnm.gmu.edu/aq/comics/stripframe.html>

O Yellow Kid fez tanto sucesso que vários jornais norte americanos entraram na disputa para publicar suas historinhas. O Garoto Amarelo também teve uma grande importância na difusão desse gênero literário, ele foi uma das primeiras historinhas a ter uma publicação regular. De certa maneira o Yellow Kid abriu caminho para o que viria a ser o mercado das HQ,s. Se não existe um consenso sobre o Garoto Amarelo ser a primeira história em quadrinhos, é inegável sua importância para a difusão da arte seqüencial nos Estados Unidos e no mundo.

Independente de quem é o “pai” das histórias em quadrinhos, o italiano radicado brasileiro Angelo Agostini ou o norte americano Richard Outcault, o importante é que ambos colaboraram de maneira significativa para o desenvolvimento da arte seqüencial no mundo.

No Brasil a primeira história em quadrinhos publicada foi a já mencionada Nhô Quim de Angelo Agostini em 1869 no jornal Vida Fluminense no Rio de Janeiro.

Em 1905 foi lançada a primeira revista de quadrinhos no Brasil; O Tico-Tico. Ela foi a primeira publicação periódica a se dedicar exclusivamente ao público infanto-juvenil, as revistas permaneceram no mercado por mais de 50 anos.

Posteriormente foram lançadas A Gazeta Infantil (1929), O Mundo Infantil (1929), Suplemento Infantil (1934), O Globo Juvenil (1937), O Mirim (1939), O Lobinho (1939), O Gibi (1939), A Gazetinha (1939) e O Sesinho, todas voltadas para o público infanto-juvenil. A história em quadrinhos O Gibi além da importância que teve como uma das pioneiras na arte seqüencial brasileira também deu um nome genérico às nossas revistas; *Gibi*, como passaram a ser chamadas as HQ,s no Brasil.

3.2- Contexto do nascimento de Zé Carioca

O personagem é criado durante a Segunda Guerra Mundial, mais especificamente em 1941 por Walt Disney (fundador dos estúdios Disney e pai de inúmeros outros personagens). Disney e uma equipe de 16 pessoas entre desenhistas, músicos e escritores foram enviados à América Latina em busca de novos personagens para suas historinhas. Essa era a versão disseminada na época.

Na verdade o mundo passava por um momento muito delicado, e com os Estados Unidos não era diferente. Mediante as tensões de uma guerra e preocupados com a expansão japonesa, os americanos empreenderam a Política da Boa Vizinhança que visava conseguir o apoio político dos países da América Latina. Essa era o real intuito da expedição liderada por Disney; possibilitar uma maior aproximação com os países latino americanos, fortalecer as relações com os vizinhos.

[...] Walt Disney de fato ultrapassou as barreiras do entretenimento. A partir de 1941, em plena Segunda Guerra Mundial, o governo getulista estabelece uma aliança estratégica com os Estados Unidos. O Brasil passa a apoiar formalmente os americanos que, em troca, concederam subsídios para que se fortaleça o parque industrial brasileiro. Também fazia parte do acordo fortalecer a imagem do Brasil como uma liderança na América Latina, ao mesmo tempo que se procurava criar uma imagem positiva dos Estados Unidos para os brasileiros. Claro que a intenção dos norte-americanos era também explorar o mercado consumidor brasileiro. Foi nesse contexto que Walt Disney montou um escritório no Brasil e, assim, começaram a surgir personagens como Zé Carioca. (CATELLI, 2009, p.80)

Dessa maneira não podemos achar que a criação de Zé Carioca foi mero acaso ou um repentino momento de inspiração, todos os aspectos da produção foram cuidadosamente pensados. O personagem é criado para ser um símbolo da boa relação entre o Brasil e os Estados Unidos, essa relação é representada pela “amizade” do Pato Donald e Zé Carioca.

Sendo assim, a verdadeira motivação para a criação do personagem estava profundamente ligada a questões políticas e interesses econômicos. Os estadunidenses precisavam se aproximar dos vizinhos latino americanos inclusive do Brasil, nesse contexto uma série de medidas da *chamada Política da Boa Vizinhança* foram adotadas, a visita de Disney era uma dessas medidas. Ter o apoio dos vizinho latinos no contexto da guerra era de extrema importância para os Estados Unidos. Além desse apoio também estava em questão acordos econômicos, que tinham como finalidade explorar o mercado consumidor desses países. Em contrapartida os EUA ofereciam subsídios para fortalecer a economia dos vizinhos. Como aconteceu com o Brasil.

Em troca ao apoio dado aos EUA o governo Vargas conseguiu subsídios para o fortalecimento do parque industrial nacional. Nesse caso podemos dizer que o acordo era uma via de mão dupla; o Brasil recebeu incentivo financeiro e em contrapartida possibilitaria a exploração do mercado consumidor brasileiro para os Estados Unidos.

É em meio a esse jogo de interesses que nasce o papagaio mais popular do Brasil; Joe Carioca (como é conhecido n EUA), José Carioca ou simplesmente Zé Carioca.

3.3- Características do personagem

Zé carioca é um papagaio verde de calda colorida (azul e vermelho), sempre muito elegante trajando blazer, camisa, gravata borboleta, chapéu (tipo palheta), e seus acessórios indispensáveis; guarda chuva e o Charuto.

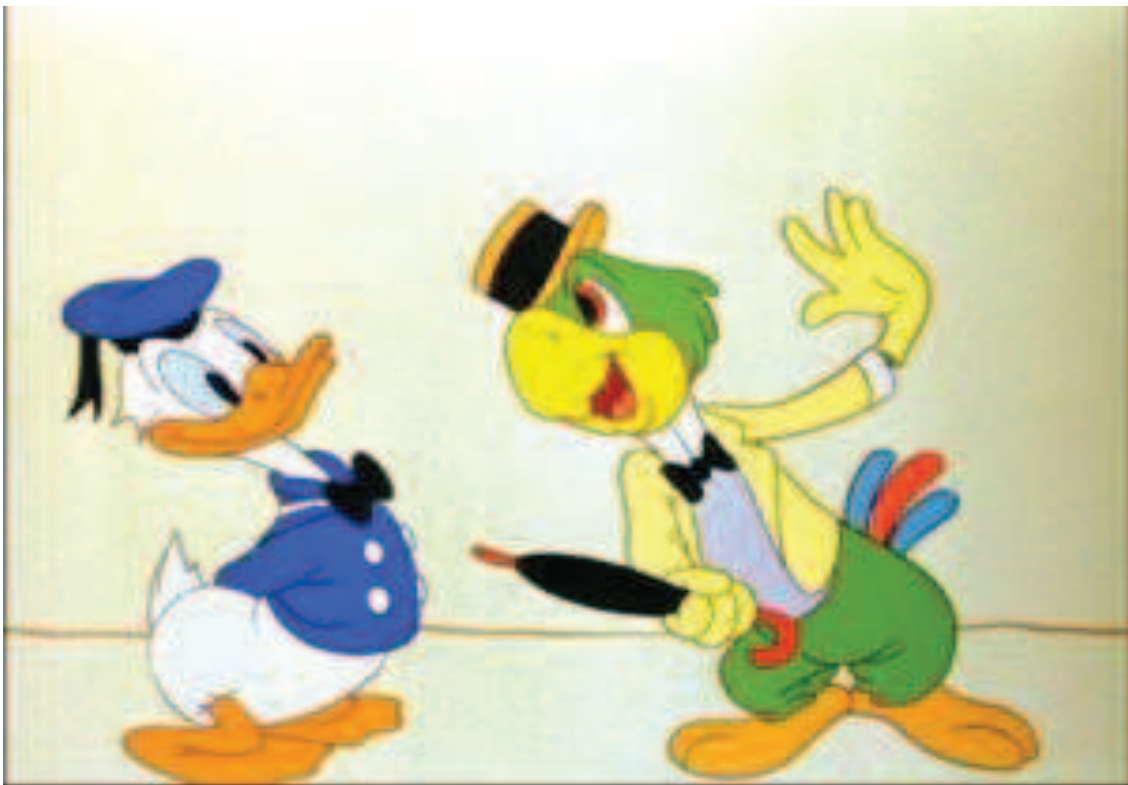


FIGURA 3: O Pato Donald e Zé Carioca, filme Saludos Amigos (Alô Amigos) 1942. Disponível em: <http://www.historiasdecinema.com/2011/05/trajectoria-de-walt-disney-no-desenho-animado-3/>

O novo “amigo” do Pato Donald era um papagaio simpático, alegre, adora samba e tem sempre um “jeitinho brasileiro” pra resolver seus problemas, ele seria a personificação do típico malandro carioca.

É possível notar no personagem uma clara representação das cores nacionais; o verde e o amarelo. Que já era de se esperar por se tratar de um papagaio brasileiro. No entanto, um elemento no corpo do personagem foge ao

contexto de todo o resto; a calda. Esse elemento aparece em destaque com cores completamente diferentes do resto do corpo.

Não por acaso as cores utilizadas na calda do nosso personagem são; o azul e o vermelho. Em uma clara representação as cores da bandeira norte americana. Dessa maneira, a relação entre Brasil e Estados Unidos que deveria ser representada com amizade entre Donald (EUA) e Zé Carioca (Brasil), tem também um outro elemento, que pode facilmente passar despercebido. Zé Carioca também seria uma representação dessa relação, ele traz em seu corpo as cores das bandeiras dos dois países; o verde e amarelo do Brasil e o azul e vermelho dos EUA. Sendo assim os norte americanos estariam sendo duplamente representados; pelo Pato Donald e pelo próprio Zé Carioca. De certa forma, essa seria uma maneira de demonstrar a superioridade norte americana, ao introduzir no elemento brasileiro (Zé Carioca) características estadunidenses. Esse “defeito” na coloração das penas da calda do papagaio será corrigido posteriormente.

A proposta de Disney era criar um novo amigo para o Pato Donald, mas na prática não foi bem isso que aconteceu. No filme *Alô Amigos*, onde o personagem é apresentado ao público brasileiro, não é possível perceber uma relação de amizade entre os personagens. A impressão que temos é a de um turista (Donald) sendo apresentado ao Brasil por uma espécie de guia turístico (Zé Carioca). O suposto novo amigo do Pato Donald é encarregado de apresentar os principais pontos turísticos do Rio de Janeiro, assim como as preferências nacionais; carnaval, samba e cachaça.

Mesmo sendo uma tentativa de demonstrar a amizade e a parceria entre os dois países, é possível observar que todo o contexto da produção gira em torno do elemento norte americano, a história gira em torno do Pato Donald, Zé Carioca é apenas um coadjuvante. Essa questão vai se manter por muito tempo, a imagem do papagaio brasileiro ficará atrelada a do Pato Donald. E Zé Carioca só terá espaço inicialmente nas historinhas do o “amigo” norte americano.

O personagem aparece pela primeira vez no Brasil em 1942, no filme *Alô Amigos*, que só será exibido nos EUA em 1943. Mas nos Estados Unidos

sua primeira aparição foi em tirinhas de jornal, com a historinha *Como Almoçar de Graça*.

3.4- As primeiras aparições de Zé Carioca ou Joe Carioca

Em agosto de 1942 foi apresentado ao público brasileiro José Carioca a representação de um típico malandro carioca. Sua primeira aparição foi no filme *Saludos Amigos* (*Alô Amigos*) de Walt Disney. No filme dividido em quatro momentos, personagens já famosos e outros recém criados pelo pai do Mickey aparecem em países da América Latina.

Já na abertura do filme é possível perceber a intenção da produção; mostrar uma relação amistosa, amigável entre os Estados Unidos e os vizinhos latino americanos. A música de abertura faz referência a essa tentativa de aproximação; *saudamos a todos da América do sul, a terra onde o céu sempre é bem azul, saudamos a todos amigos de coração, que lá deixamos, de quem lembramos ao cantar essa canção*.

Inicialmente é apresentada pelo locutor a proposta expedição liderada por Disney a América do Sul; encontrar novos companheiros para Mickey e Donald.

É possível perceber na fala do narrador a concepção do outro. A visão do outro, do estrangeiro sobre os países sul americanos, que são apresentados como; pitorescos e exóticos. E é dessa maneira que os novos personagens serão construídos.

Na primeira parte do filme o Pato Donald visita o Lago Titicaca na Bolívia e, apresenta as características da região e um pouco da cultura local. Sempre com uma estereotipada sobre o povo e a cultura da Bolívia. Nessa parte não é introduzido nenhum personagem de maior destaque.

Em um segundo momento são criados novos personagens que serão os protagonistas na apresentação do Peru. Uma família de aviões composta por pai, mãe e o filho do casal; o aviãozinho Pedro, é ele o responsável pela apresentação dos principais pontos geográficos do Peru.

Na terceira parte o personagem Pateta é responsável por apresentar a Argentina, mais especificamente os Pampas argentinos. Essa região da Argentina é representada pela figura do gaucho argentino. Também é feita uma relação entre o gaucho argentino e o cowboy norte americano do Texas.

Finalmente na quarta e ultima parte o Pato Donald visita o Rio de Janeiro e é o papagaio brasileiro criado por Disney que apresenta o Rio ao pato norte americano. Essa é a primeira aparição de Zé Carioca.

A história intitulada Aquarela do Brasil, não por acaso o mesmo titulo da musica de Ari Barroso, a musica em questão foi o tema de abertura do quarto e ultimo episódio. Onde inicialmente são apresentadas as riquezas naturais do Brasil e logo em seguida surgem o Pato Donald e Zé Carioca é desenhado. Em seguida José Carioca se apresenta oficialmente ao pato Donald, onde demonstra claramente ser fã do norte americano, e se propõe a apresentar a cidade ao novo “amigo”. Nosso papagaio apresenta o samba e a cachaça a Donald embalado pelo som de Tico Tico no Fubá (Zequinha de Abreu).



FIGURA 4: Filme Saludos Amigos, 1942. Disponível em : <https://d23.com/saludos-amigos-1943/>

A segunda aparição do papagaio brasileiro foi em outubro de 1942, na historinha *Como Almoçar de Graça*, publicada em um jornal dos Estados Unido. Para os norte americanos esse será o primeiro contato com Joe Carioca, pois o filme onde o personagem foi apresentado só é exibido nos EUA em 1943.

Na historinha publicado no Estados Unidos é apresentado o mundo e a personalidade de Zé Carioca. Um papagaio brasileiro, que mora na maravilhosa cidade do Rio de Janeiro, “lugar das mais belas praias do muno inteiro”. No entanto a moradia do nosso personagem não é tão glamorosa quanto as praias do Rio. O papagaio mora em um barraco sem localização definida, as condições da moradia são precárias, e os problemas habitacionais são solucionados com a criatividade do personagem. Apesar das precárias condições de moradia Zé Carioca usa trajes elegantes e exige ser tratado com pompa pelos vizinhos (Dr. Zé).

Na sequência da historinha é apresentado o tema central da trama; o *jeitinho brasileiro* (desonestidade) que será um dos traços mais fortes da personalidade do personagem. O objetivo do papagaio brasileiro é almoçar, ao perceber que esta sem dinheiro decide da um pequeno golpe no Hotel Copacabana para conseguir almoçar de graça. Por obra do “acaso” o cliente quase surdo esbarra em sua mesa e ele aproveita-se da situação para simular um roubo. O esperto “malandro brasileiro” acusa o cliente surdo, que esta saindo do restaurante do hotel de ter roubado sua carteira, por conta do suposto roubo o papagaio fica impossibilitado de pagar a conta.

O papagaio cara de pau exige o reembolso da quantia e roubada, e critica a segurança do hotel por permitir que “esse tipo de pessoa” (o suposto ladrão) consiga adentrar nas dependências do Copacabana. Constrangido coma situação e com a “falha” do hotel, o gerente em uma tentativa de compensação perdoa a divida do almoço, e pede desculpas ao cliente lesado. Dessa maneira Zé Carioca atinge seu objetivo; consegue almoçar de graça e ainda sai como a vítima da situação.



FIGURA 5: Como Almoçar de Graça, 1942. Disponível em:

Nas duas aparições de Zé Carioca (Filme Alô Amigos e nas tirinhas; Como Almoçar de Graça) podemos observar a representação do Brasil e do brasileiro na concepção do norte americano.

A impressão que temos ao analisar as duas obras é a do olhar do turista, do outro, do estrangeiro. O país é representado principalmente por suas riquezas naturais, com ênfase ao colorido da nossa fauna e flora. O Brasil é mostrado como o país do carnaval, do samba, da Aquarela do Brasil. A música de Ari Barroso terá uma grande influência sobre a representação do Brasil na ótica Disney.

O povo brasileiro é representado pela figura do malandro (Zé Carioca), uma figura que adora festa, cachaça e samba. É avesso ao trabalho, e sempre resolve seus problemas com “o jeitinho brasileiro”, com pequenos golpes.

Essa será a representação do Brasil e do povo brasileiro no cenário internacional, a partir da figura do papagaio Zé Carioca. Disney se apropria da figura do malandro para dá vida a seu personagem.

Para tal, uma noção parece ser útil, a noção de apropriação, porque permite pensar as diferenças na divisão, porque postula a invenção criadora no próprio carne dos processos de recepção. (CHARTIER, 200, p. 136)

3.5- Vargas, Zé Carioca e a Identidade Nacional

Entre as principais marcas do governo de Getúlio Vargas, podemos citar a preocupação com a (re)formação e a consolidação da identidade nacional. O governo pretendia estabelecer uma nova identidade nacional pautada na diversidade racial, na mestiçagem. Para atingir esse objetivo era necessário fortalecer as características da identidade brasileira. Com esse intuito muitas medidas foram adotadas pelo estado, dentre as quais podemos destacar a adoção de novos símbolos nacionais.

Outra marca do governo Vargas, que também vai ser refletida na nova identidade nacional é a preocupação com os trabalhadores. É durante o seu governo que são criadas as principais leis trabalhistas, para Getúlio Vargas a figura do trabalhador era de fundamental importância. Era preciso assegurar os direitos do cidadão (trabalhador), para que esse pudesse cumprir com suas obrigações para com o estado. Dessa maneira, esses profissionais eram fundamentais para a lógica do desenvolvimento do país e também se tornaram símbolo dessa nova identidade em construção. E para preservar a figura do trabalhador outra figura deveria ser combatida; o malandro.

O malandro estava profundamente ligado a boemia e aos bairros da periferia do Rio de Janeiro, grande parte da malandragem era formada por negros e mestiços. A grande maioria dos malandros não tinha trabalhos regulares, sobrevivendo na maioria das vezes de “bicos”, ou da própria

malandragem (musica e samba). Por muito tempo a figura do malandro foi exaltada, sendo um símbolo de alegria, da musica e principalmente do samba. Inúmeras composições de exaltação a malandragem foram feitas e obtinham grande sucesso.

A que surge a famosa figura do malandro brasileiro. Personagem caracterizado por uma simpatia contagiante, o malandro representava a recusa de trabalhos regulares e a pratica de expedientes temporários para a garantia da boa sobrevivência [...] (SCHWARCZ, 1998, p.198)

Geralmente nas musicas que faziam exaltação a malandragem a imagem do trabalhador era satirizada. Nas canções o malandro era visto como o esperto que sabia aproveitar a vida, e o trabalhador taxado como desprezo por se submeter as ordens do patrão e pela falta de tempo livre para se dedicar aos prazeres da vida. Esse tipo de musica fazia grande sucesso na década de 30.

A figura do malandro cresceu de tal maneira que começou a incomodar. O malandro começou a ser visto como uma ameaça direta ao trabalhador, enquanto o malandro era exaltado o trabalhador era menosprezado. E na concepção do governo Vargas isso precisava mudar.

A figura a ser exaltada era a do trabalhado, não a do malandro, e para concretizar esse ideal algumas atitudes foram tomadas. Em oposição a dimensão que a imagem do malandro estava tomando em 1939 uma portaria proibia a exaltação da malandragem. No entanto a popularidade do malandro continuou muito forte. Dessa maneira em 1940 o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) “aconselhava” os compositores a adotar em suas canções temas de exaltação ao trabalho e ao trabalhados, e a malandragem deveria ser combatida.

A dimensão da influência dessa personagem pode ser avaliada com base na portaria do Estado, que em oposição á divulgação de tal imagem, por meio do Departamento Nacional de Propaganda (DNP),

a partir de 1938 procurou alterar a representação do trabalho e do trabalhador. Já em 1939, uma portaria oficial proibia a exaltação da malandragem, e no início dos anos 40, achando que muitos sambas ainda faziam apologia a malandragem, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) “aconselhou” os compositores a adotar “temas de exaltação ao trabalho e de condenação a boemia”. A atitude levou ao surgimento de uma série de sambas descrevendo personagens bem-comportados e, inclusive, alguns ex-malandros convertidos em pacatos operários. (SCHWARCZ, 1998, p.200)

Como podemos observar na citação, o governo Vargas empreendeu um forte combate a figura do malandro e da malandragem. A prioridade seria a exaltação do trabalhador, e o malandro não teria espaço nesse contexto.

Ironicamente é durante o governo de Vargas e com seu apoio que surge o malandro mais famoso do Brasil; Zé Carioca. O personagem criado durante a viagem de Disney ao Brasil em 1941 é inspirado no típico malandro carioca.

A malandragem, evidentemente mestiça, ganha uma versão internacional, em 1943, Walt Disney apresenta pela primeira vez Zé Carioca. No filme *Alô, Amigos*, o alegre papagaio introduzia o Pato Donald nas terras brasileiras [...] (SCHWARCZ, 1998, p.198)

Zé Carioca como todo malandro que se preze adora samba, tem uma alegria contagiante, está sempre bem vestido, não gosta de trabalho, sempre encontra “um jeitinho brasileiro” de resolver as coisas e adora a boemia, ele é a personificação do malandro. Em meio a todo esse contexto podemos concluir que Zé Carioca é negro ou mestiço, tendo em vista que malandros brancos eram extremamente raros.

Dessa maneira o governo Vargas que tanto fez para desvincular o malandro da identidade nacional brasileira, para combater a popularidade desse personagem. Acaba de certa maneira, assinando a certidão de nascimento do malandro que representará os brasileiros internacionalmente.

Se o combate a imagem, e a exaltação do malandro brasileiro real foi bem sucedido por Vargas. Por outro lado, o malandro da ficção ganhará cada vez mais notoriedade e fama, tanto a nível nacional como internacional.

É em meio a essa contradição que nasce Zé Carioca, o malandro mais famoso do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos abordar a trajetória percorrida pela história, e sua tentativa de se adequar a seu tempo. No decorrer dessa longa caminhada muita coisa mudou, inclusive a própria concepção de história. Ela deixou de ser uma exclusividade da elite, e tornou-se acessível aos que antes eram “excluídos da história”. Para que essa nova realidade se tornasse possível o surgimento da Nova História foi de fundamental importância. Os Annales possibilitaram a história trabalhar temas que antes eram inimagináveis para esse campo do saber, o campo historiográfico foi ampliado de maneira significativa, a história lançou novos olhares para seus objetos. Nessa perspectiva também serão repensadas as fontes históricas, possibilitando o uso de inúmeros documentos que antes eram renegados pela historiografia. Partindo dessa nova concepção de fonte desenvolvida pelos Annales, torna-se possível trabalhar diversas linguagens como fonte histórica. Dessa maneira as histórias em quadrinhos são uma opção de fonte, que pode e deve ser usada pelos historiadores. As HQ,s tem um grande potencial a ser explorado, é importante lembrar que esse tipo de linguagem é fruto do discurso de uma época e serviu para afirmar os interesses do seu contexto de produção. Dessa maneira, não podemos conceber as histórias em quadrinhos como inocentes e despretensiosas, elas trazem os interesses e as intenções de uma época.

Também foi abordado o processo de formação da identidade nacional, e como esse processo serviu para legitimar o poder em exercício. Em cada momento da história do Brasil a questão da identidade foi usada para atender os interesses de uma elite, seja ela econômica ou intelectual, a identidade nacional foi forjada claramente para atender a interesses, em meio a uma constante luta de poder. De maneira mais específica, procuramos analisar a formação da identidade nacional na era Vargas. Percebendo nesse período a tentativa de formar uma identidade nacional pautada na figura do mestiço, para alcançar esse objetivo inúmeras medidas foram adotadas por parte do governo, incluindo a adoção de uma série de símbolos nacionais pautados na

mestiçagem. No governo de Getúlio Vargas a questão da identidade nacional foi uma das grandes prioridades.

Como nenhuma produção é inocente, percebemos o contexto puramente político da criação do personagem Zé Carioca. Ele foi concebido na política da *Boa Vizinhança* empreendida pelos Estados Unidos no contexto da Segunda Guerra Mundial. O personagem foi criado durante a viagem de Walt Disney ao Brasil em 1941, a visita da comitiva norte americana visava uma maior aproximação das relações entre Brasil e Estados Unidos. Zé Carioca e sua amizade com o Pato Donald seriam uma representação da aproximação entre os dois países, eles seriam o símbolo da amizade entre as duas nações.

Também foi possível observar, a intensa relação entre a identidade nacional forjada na Era Vargas e o personagem Zé Carioca criado por Disney. O personagem é a representação de uma figura típica desse período; o malandro. Essa figura está profundamente ligada ao samba e é caracterizada pela sua simpatia contagiante, vida boêmia, e também pela maneira peculiar de resolver as coisas, pelo seu “jeitinho brasileiro”. Disney usa esse personagem como inspiração na criação do papagaio Zé Carioca. O personagem é a representação de um típico malandro carioca. A partir desse personagem cria é possível analisar a representação da identidade nacional na era Vargas. E a contradição que existe entre o personagem e a postura adotada pelo governo Vargas em relação a figura do malandro.

Perceber as grandes possibilidades de uso das histórias em quadrinhos como fonte histórica, e como esse potencial ainda é pouco explorado pela história. Cabe aos historiadores mudar essa realidade, e trazer para a história todas as contribuições que poder ser extraídas dessa fonte riquíssima que é a linguagem dos quadrinhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BURKE, Piter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.
- CALAZANS, Flávio Márcio de Alcântara. **História em quadrinhos na escola**. São Paulo: Paulos, 2004.
- CATELLI, Júnior Roberto. **Temas e linguagens da história: ferramentas para a sala de aula**. São Paulo: Scipione, 2009.
- CHARTIER, Roger. A história cultural: **Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- FONSECA, Thais Nívia de Lima. **História & Ensino de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- NEMI, Ana Lucia Lena: Ensino de **Historia e experiências: o tempo vivido**: volume único: livro do professor/ Ana Lucia Lena Nemi, Diego Luis Escanhuela, João Carlos Martins.- 1.ed.- São Paulo. FTD, 2009.
- PESAVENTO, Sandra Jatay. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- REIS, José Carlos. **A Escola dos Annales- A inovação em História**. SP: Paz e Terra, 2.ed, 2004.
- REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. Rio de Janeiro: FGV, 2007
- SCHWARCZ, Lilia Mortiz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Marcos; FONSECA, Selva Guimarães. **Ensinar história no século XXI: em busca do tempo entendido**. Campinas-SP: Papyrus, 2002

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

VENTURA, Roberto. **Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VIANA, Nildo. **O que os quadrinhos nos dizem?**. Artigo disponível em: <http://portalcienciaevida.uol.com.br/ESSO/edicoes/18/artigo98209-1.asp?Email=>

From Hongan's Alley to Coconino County: A Stri of Strips. Disponível em:

<http://chnm.gmu.edu/aq/comics/stripframe.html> Acesso em junho de 2015

História de Cinema. Disponível em:

<http://www.historiasdecinema.com/2011/05/trajetoria-de-walt-disney-no-desenho-animado-3/> Acesso em junho de 2015

Tok de História. Disponível em:

<http://tokdehistoria.com.br/tag/as-aventuras-nho-quim-ou-as-impressoes-de-uma-viagem-a-corte/> Acesso em junho de 2015

D23 The Official Disney Fan Club. Disponível em:

<https://d23.com/saludos-amigos>

Confraria Disney. Disponível em:

<http://confrariadisney.xpg.uol.com.br/grant/graca/graca.html>